# Pobre LXX

Wilbur N. Pickering, ThM PhD

A Septuaginta (LXX) tem sido muito mal utilizada e usada fraudulentamente por bem mais de 100 anos, ou assim eu creio. Para começar, o que realmente sabemos sobre a LXX? Quais são os fatos puros (sem interpretação ou imaginação)? Sabemos que ela existe, sendo uma tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego. Sabemos quando a tradução foi feita, ou por quem? As informações sobre este assunto geralmente provêm de uma única fonte, Aristeias, que oferece uma resposta para ambas as perguntas.

Alfred Rahlfs oferece o seguinte (Septuaginta, 2 vols., Sexta edição [Nova Iorque: The American Bible Society, s.d.], vol. I, p. xxii):

> A Septuaginta é a antiga tradução judaica do Antigo Testamento para o grego. O Pentateuco, a parte mais antiga e fundamental do cânone do Antigo Testamento, foi traduzido em primeiro lugar e, segundo a Carta de Aristeias, isso ocorreu durante o reinado de Filadelfo (285-247 a.C.). Conta-se que essa tradução foi feita em Alexandria por 70 — ou, mais precisamente, 72 — estudiosos judeus; daí o nome "Septuaginta" (LXX). Este título, embora originalmente se aplicasse apenas à tradução do Pentateuco, acabou por ser transferido para todo o Antigo Testamento. A tradução do Pentateuco foi seguida pela dos outros livros. A tradução destes últimos foi evidentemente obra de muitas pessoas diferentes. Sabemos disso, em primeiro lugar, pelas variações na tradução, que vão da mais literal à mais livre, e em segundo lugar pelas diferenças no estilo grego . . . .

Note que a data fornecida se aplica apenas ao Pentateuco; os outros livros foram presumivelmente traduzidos posteriormente por tradutores diferentes.

Kenneth Scott Latourette oferece o seguinte (*A History of Christianity* [Nova York: Harper & Brothers, 1953], p. 15):

> A Septuaginta era composta por traduções de livros sagrados judaicos para o grego. O nome deriva da tradição de que a tarefa de tradução foi concluída no século III a.C., em setenta e dois dias, por setenta e dois estudiosos enviados de Jerusalém a Alexandria a pedido de um dos Ptolomeus. Essa tradição é encontrada em uma carta que é, sem dúvida, espúria.

Eu mesmo li uma transcrição da carta e parece ser bastante fantasiosa, improvável.

Contudo, visto que tanto Filo quanto Josefo citam esse Aristeias, podemos concluir, razoavelmente, que pelo menos o Pentateuco, em grego, existia na época de Cristo, quaisquer que fossem as circunstâncias que o produziram. Mas mesmo que uma tradução do Antigo Testamento para o grego existisse em Seus dias, que possível motivo teria Jesus para usá-la? Ele ensinava em hebraico e certamente usaria um

Antigo Testamento em hebraico. Aliás, quantos judeus, residentes da Judeia e da Galileia, sabiam ler grego naquela época? Provavelmente muito poucos, e mesmo aqueles que sabiam, por que usariam uma tradução quando tinham acesso ao original em sua língua materna? Parece-me ser perfeitamente óbvio que nem Jesus nem seus discípulos fizeram uso da Septuaginta (ou qualquer outra) durante Sua vida. Foi somente mais tarde, quando estavam compondo os livros que compõem o Novo Testamento grego, e o Antigo Testamento é citado, que a questão de uma tradução existente vem à tona.

Para dar uma ideia do que está em questão, apresento estatísticas extraídas de Gleason L. Archer & G.C. Chirichigno (*Old Testament Quotations in the New Testament* [Chicago: Moody Press, 1983]):

| | |
|---|---|
| A: N.T. = LXX = M.T. [Texto Massorético] | — 268 = 70% |
| B: LXX está mais próximo ao M.T. do que é o N.T. | — 50 |
| C: N.T. está mais próximo ao M.T. do que é a LXX | — 33 |
| D: N.T. = LXX ≠ M.T. | — 22 |
| E: N.T. ≠ LXX ≠ M.T. | — 13 |
| | 386 citações |

Os 70% em que todos concordam são tranquilos; são os 30% restantes que exigem análise. Devemos começar definindo os termos. O Texto Massorético é uma entidade objetiva; sabemos o que ele é. Mas e o Novo Testamento, qual das muitas edições concorrentes usaremos? Archer e Chirichigno usaram o texto eclético atualmente em voga. Alguém que utilize um "Texto Majoritário" pode chegar a números ligeiramente diferentes, mas a diferença será mínima para este propósito. A principal dificuldade com a comparação acima reside na Septuaginta (LXX), e aqui devo entrar em detalhes.

A Septuaginta (LXX) que conhecemos e utilizamos baseia-se principalmente em três manuscritos: Vaticano, Sinaítico e Alexandrino, nenhum anterior ao século IV d.C. Com que base se presume que os autores do Novo Testamento utilizaram a LXX? Que provas concretas temos de que ela sequer existiu na época deles? Considerando as tendências da escola alexandrina de crítica textual, por que não alterariam eles a LXX para que se conformasse ao Novo Testamento? Com relação ao Novo Testamento, os três manuscritos mencionados acima são de baixa qualidade, objetivamente falando. O Sinaítico é uma das piores cópias existentes, seguido de perto pelo Vaticano, com o Alexandrino ficando um pouco atrás (em baixa qualidade), mas apenas nos Evangelhos. Com base em seu comportamento no Novo Testamento, o que devemos esperar deles no Antigo Testamento? Devemos esperar um trabalho igualmente ruim. Já que fizeram alterações deliberadas no Novo Testamento, por que não fariam o mesmo no Antigo Testamento?

E depois há a pequena questão dos Apócrifos. A Septuaginta contém ‘Judite’,

‘Tobias’, ‘Bel e o Dragão’, quatro ‘Macabeus’, e assim por diante. Visto que esses livros não faziam parte do cânon reconhecido pela comunidade de fé hebraica, de onde vieram? E por que alguém que traduzisse o cânon hebraico os incluiria? Lembre-se de que a Carta de Aristeias, tal como é, trata apenas do Pentateuco. Então, o que dizer de todos os outros livros? E que confiança podemos depositar em quem produziu os três manuscritos alexandrinos mencionados acima? A julgar por suas obras, eles eram ‘filhos da desobediência’ (Efésios 2:2).

E há ainda a questão da Hexapla de Orígenes. Cito aqui novamente Alfred Rahlfs (*Ibid*., p. xxviii):

> Em sua famosa e volumosa obra, a Hexapla, que produziu na Palestina por volta da quarta década do século III d.C., ele colocou lado a lado, em seis colunas paralelas, o Antigo Testamento original em caracteres hebraicos e em transcrição grega, juntamente com as quatro traduções gregas. Fica claro, pela própria organização da Hexapla, que para ele, sendo um erudito, não a Septuaginta, mas o texto original era, em última análise, a autoridade primária, pois ele colocou o texto original em primeiro lugar e, em seguida, as traduções de Áquila e de Símaco, já que estas forneciam as versões mais precisas do texto original. A Septuaginta vinha a seguir, e depois Teodócio, como uma versão revisada dela. O mesmo método é perceptível na maneira como Orígenes alterou a Septuaginta para alinhá-la ao texto original.

Note-se que, na avaliação de Orígenes, tanto Áquila quanto Símaco eram superiores à Septuaginta, e que Teodócio sentiu a necessidade de aprimorá-la, uma necessidade que o próprio Orígenes compartilhava. Evidentemente, Áquila, Símaco e Teodócio produziram suas versões durante o século II, e a Septuaginta também já devia existir nessa época. Talvez cinquenta anos depois de Orígenes, Luciano de Antioquia preparou mais uma revisão da Septuaginta, considerável, e provavelmente foi essa revisão que foi usada no Império Bizantino.

Na verdade, não temos como saber objetivamente qual tradução grega do Antigo Testamento, se é que houve alguma, os autores do Novo Testamento podem ter usado. Por que o Espírito Santo não os teria guiado em sua própria tradução, que na maioria das vezes coincidiria com qualquer outra tradução séria do mesmo texto? Além disso, o Espírito Santo estava obviamente dentro de Suas prerrogativas ao dar a um Apóstolo uma interpretação do Antigo Testamento que poderia não ser transparente para nós. Um Apóstolo sob inspiração divina teria uma orientação que nós não temos.

Voltando ao gráfico acima, eu simplesmente excluiria a Septuaginta. Sob inspiração divina, os autores do Novo Testamento traduziram o Antigo Testamento conforme foram guiados. Rejeito como infundada qualquer crítica ao Novo Testamento baseada na Septuaginta.